

A série **Gente do MOC** é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semi-árido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição vamos pegar carona na história de Luiz Silva Lima, que há 23 anos é motorista da entidade.

## Minha Vida é andar por esse Sertão

“Chuva e sol, poeira e carvão, longe de casa sigo um roteiro, mais uma estação, e a saudade no coração”. Os versos da música *Vida de Viajante*, de Luiz Gonzaga, poderiam contar muito da história de Luiz Silva Lima, ou simplesmente Lula, um motorista que há 23 anos ganha a vida levando e trazendo pessoas pelo semi-árido baiano adentro.

No ano de 1953 nasce no distrito de Maria Quitéria, o menino que futuramente iria se transformar no homem dedicado à família. Quando o pai saiu de casa, tomou pra si a responsabilidade e deixou de estudar para cuidar da roça, de onde era provido o sustento dos 8 irmãos. Segundo ele, os tempos eram difíceis e a lavoura não dava para suprir as necessidades. Então, em 1976 ele vai para São Paulo tentar a sorte como muitos jovens sertanejos de sua época.

Na “Terra da garoa”, não conseguiu se adaptar ao clima frio, que lhe causou alguns problemas de saúde, além disto, a saudade de casa era muito grande. Todo o dinheiro que adquiria como ajudante de obra civil enviava para a família. “Fui em busca de melhores condições de vida. Ficar longe da família cria saudade, mas a gente precisa sair para adquirir o pão de cada dia”, afirma Luiz. Depois de três anos em São Paulo, em 1979 seguiu para o Rio de Janeiro onde teve

a oportunidade de trabalhar na construção da Usina Nuclear de Angra dos Reis, porém, não ficou muitos meses por lá. A saudade foi maior, era tempo de voltar para casa.

De volta, a vida parece entrar nos eixos. Com o dinheiro que conseguiu juntar ele comprou uma Kombi, seu primeiro automóvel. Começou a fazer linha para São José, depois para a Associação de Pequenos Agricultores do Estado da Bahia (APAEB) em Feira de Santana. É quando ele conhece o MOC e começa a prestar seus serviços de motorista. Já estamos no ano de 1983.

### “Conduzir até onde o MOC queira ir”

Uma história de envolvimento e compromisso com o social e a cidadania, Luiz sempre contribuiu para que ele e os que estavam em seu entorno tivessem mais conhecimento dos seus direitos e pudessem lutar por uma vida digna. Por isso se tornou sócio da APAEB e participava assiduamente das reuniões da Associação de Lagoa Grande, em Feira de Santana. Em 1985 ele foi contratado pelo MOC e sua rotina foi totalmente transformada em nome do trabalho. Mesmo nos sábados e domingos costumava levar as pessoas para as reuniões que não poderiam acontecer durante a semana devido ao trabalho no campo.

Eram tempos em que o trabalho do MOC estava se expandindo e Luiz era o responsável por parte da logística desta expansão. “Antes, quando o MOC era pequeno e eu era o único motorista, dormia na estrada quando o carro quebrava e não tinha meio de avisar. Mas valia a pena, porque nós tínhamos consciência de que o trabalho que o MOC realizava era sério e decente”. Em anos de trabalho, já levou muita gente para passeatas, manifestações, reuniões, sempre tomando parte das discussões.

**Nome:** Luiz Silva Lima  
**Data de Nascimento:** 27/10/1953  
**Naturalidade:** Maria Quitéria - FSA  
**Formação:** Motorista  
**Estado Civil:** Casado  
**Ano de entrada no MOC:** 1985

Um momento que lhe marcou profundamente, no qual sentiu a força da amizade verdadeira, foi quando sofreu um acidente. Sua esposa estava grávida de sete meses e tomou um susto muito grande. “O MOC me acompanhou muito de perto neste período, eu agradeço o cuidado comigo e minha família, e isto é assim até hoje. Quando viajava e não podia retornar, eles sempre tiveram atenção de avisar a minha esposa”, relembra emocionado.

“Aprendi a entender o trabalho do MOC, um negócio muito importante é participar das reuniões na comunidade, porque as pessoas aprendem a discutir seus direitos e a buscar formas de melhorar as condições de vida”. A admiração pelo trabalho que a entidade realiza é algo constante em sua fala. Dirigir até onde o MOC precise ir e com o desejo de ajudar no que for necessário. “Fico sentido de não ter estudado o suficiente para ajudar o MOC ainda mais”.

**A paixão pela família e trabalho** - Todas as lutas que enfrentou na vida foram pensando no bem-estar da família. Hoje, com os cinco filhos na fase adulta, ainda é atento as questões que os envolve, seu maior prazer é sentar, conversar e orientá-los no que for necessário.

Com uma rotina que se inicia às 5 horas da manhã, ainda encontra tempo para cuidar dos bichos que possui no sítio onde mora, e das plantações de feijão, mandioca, milho e frutas. Quando sai de casa para trabalhar já ajudou a esposa nas atividades domésticas.

Depois de desbravar o semi-árido baiano com a sua capacidade de se relacionar com todas as pessoas, mostrando seu espírito acolhedor, a lista de lugares por onde passou é imensa. Mas existe um lugar especial que é o sonho de viagem de Luiz: a Basílica de São Pedro em Roma, na Itália. Para ele, duas paixões tomam carona no mesmo carro, a família em primeiro lugar e o trabalho de onde tira o sustento. “O mais importante na vida é viver tranquilo com a família, ter pão na mesa e fazer meu trabalho, que é o que eu gosto, com decência”.



# Bocapiu

Contando experiências por um sertão justo



## As mãos que constroem a convivência

Uma experiência inusitada, que diverge opiniões. Afinal, as mulheres são capazes de construir uma cisterna? Mesmo com as limitações, sertanejas encararam o desafio e hoje, homens e mulheres dividem o mesmo espaço. Juntos, eles não apenas constroem o principal símbolo da convivência com o semi-árido, como também, uma convivência entre os gêneros.





## Mulheres cisterneiras

A atuação das mulheres cisterneiras é uma prática inovadora na região onde o MOC desenvolve seus trabalhos e vem obtendo resultados expressivos e significativos. Inicialmente, houve um forte e grande embate cultural para a realização desta atividade. O preconceito vinha das Comissões Executivas Municipais associadas ao Programa Água e Segurança Alimentar, assim como das próprias mulheres, dos seus familiares e das comunidades envolvidas na construção das cisternas.

No entanto, as ações se mantiveram e as sertanejas participaram das capacitações em construção de cisternas de placas. Como resultado, muitas delas desempenham a profissão nos municípios onde residem e também em outras localidades. Seu trabalho é respeitado e visto com credibilidade e confiança.

A realização desta atividade possibilitou às cisterneiras a geração de oportunidades e o estímulo de perspectivas no campo profissional e pessoal nas quais, na maioria das vezes, são desestimuladas, como por exemplo, conhecer e participar de movimentos sociais, grupos de produção de alimentos, aptidão para realizar outros tipos de trabalho relacionados à construção e gerenciar seus próprios recursos financeiros. Muitas delas utilizam o dinheiro para a compra de objetos pessoais, outras investem em educação, ajudam nas despesas de casa, aplicam em cooperativas de crédito ainda cuidam da saúde.

Pedreiras, mulheres cisterneiras. A capacitação em técnicas de construção de cisternas está permitindo o empoderamento das mulheres na região em que vivem, ampliando sua renda e desmistificando conceitos e atribuições restritas apenas ao campo masculino. É uma atividade que tende a ser ampliada e com grandes êxitos.

*Maria Auxiliadora, integrante do Programa Água e Segurança Alimentar do MOC*



# Da habilidade feminina nasce um novo espaço de participação social

*“No mundo inteiro, abastecer os lares com água é tarefa das mulheres de todas as idades, inclusive crianças. Há uma relação íntima entre a água e o feminino. No Semi-Árido, a relação não é diferente. Ela revela a divisão de papéis familiares e de trabalho entre os sexos”.*

*Roberto Malvezzi, (“Gogó”).*

Independência financeira, auto-estima conquistada e muita vontade de crescer. No Semi-Árido baiano, as mulheres estão cada vez mais fortalecendo a sua identidade como trabalhadora rural e quebrando os paradigmas da relação homem x mulher. Organizadas, têm atuado em importantes espaços de discussão política através dos movimentos de mulheres e conseguido garantir renda própria por meio dos grupos de produção.

Após firmarem sua identidade como mulheres rurais, assumindo uma postura política própria, as sertanejas se viram diante de um novo desafio. As mãos acostumadas com o trabalho doméstico e na roça, tiveram que enfrentar as ferramentas utilizadas por pedreiros que exigem habilidade e também, algumas vezes, esforço físico.

**Mulheres Cisterneiras** – A ideia de capacitar mulheres na construção de cisternas surgiu de uma proposta das Comissões Executivas Municipais - formadas por representantes da sociedade civil organizada que atuam no gerenciamento do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) - para que as mulheres tivessem uma nova opção de renda. A ideia logo foi aceita e desde o ano de 2006 as mulheres têm experimentado na prática a igualdade de gênero. De acordo com a integrante do programa Água e Segurança Alimentar do MOC, Maria Auxiliadora, não existem crité-

rios de seleção para participar do curso, apenas interesse e disponibilidade.

Moradora da comunidade de Quitola, em Teofilândia, Maria do Carmo afirma que a ideia de trabalhar como cisterneira surgiu da necessidade de obter renda e da falta de mão-de-obra qualificada, já que muitas vezes precisava-se trazer pessoas de outros municípios. “Construção sempre foi considerada atividade de homem, eles diziam que as cisternas feitas por nós mulheres iam cair, não acreditavam na nossa capacidade”, relata a cisterneira.

A renda obtida com a construção de cada cisterna é de R\$ 175, dinheiro que está sendo utilizado das mais diversas formas, desde a compra de enxoval para bebê até aplicação em cooperativa de crédito.

**Dificuldades e preconceitos** – Como toda inovação, a ideia de mulheres atuarem na construção de cisternas causou estranhamento. O preconceito partia até mesmo das próprias pedreiras que não se sentiam capazes em realizar a atividade. “Será que eu consigo fazer este trabalho”, perguntava-se Luzinete dos Reis Lima, residente em Santa Luz.

A frequência com a qual realizam este ofício também foi considerada uma dificuldade. Como não constroem regularmente, muitas se sentem inseguras na hora de construir, além disso, as cisterneiras afirmam que esta atividade exige muita força. “As placas

são muito pesadas”, disse Lucineide Souza de Jesus, de Serrinha.

Em média, os homens demoram uma semana para construir uma cisterna. Devido à natureza feminina – que possui limites físicos – e a pouca prática, as mulheres pedreiras levam de duas a três semanas para finalizar a construção.

Durante uma oficina para sistematizar esta experiência, as mulheres cisterneiras revelaram que até hoje os homens colocam defeito no trabalho, especialmente os maridos e as figuras masculinas nas casas contempladas com as cisternas.

Exercendo a profissão há mais de 40 anos, o pedreiro Alfredo Domingos de Araújo ensinou 10 mulheres do município de Teofilândia a construir cisternas. Para ele, não há problemas na relação mulher/cisterna. “Se elas têm boa vontade em aprender e querem trabalhar, eu acho isto bom”, afirma. Ele conta que as suas alunas não sabiam nada, e depois do curso já construíram 30 cisternas. “Elas demoraram um pouco para construir porque não tinham prática (...) Pelo menos nunca tiveram problema as cisternas que acompanhei a construção”.

O tempo maior utilizado por elas não tira

a importância deste trabalho. Talvez falte às mulheres a força, porém, elas possuem habilidade. A capacitação de mulheres na construção de cisternas está permitindo o nascimento de um outro espaço de participação social, onde homens e mulheres, juntos, contribuem com a construção de um sertão justo, com mais famílias tendo acesso à água.

**Orgulho da profissão** – Mesmo com todo preconceito, as sertanejas que encararam o desafio de construir cisternas sentem-se orgulhosas de serem pedreiras. “Nunca fiz nada na vida para gostar tanto quanto este trabalho”, afirma Luciene de Jesus, de Teofilândia.

A atividade como cisterneira tem gerado muitas oportunidades, como por exemplo, ajudar na construção da associação da comunidade, construir sua própria cisterna, colocar o piso e o reboco da própria casa e também, a construção de cisternas particulares para outras pessoas no município onde vivem.

Em uma região onde as

perspectivas de geração de renda eram cada vez mais escassas, o curso de cisterneiras dá um novo gás para estas mulheres que aprenderam a ter mais confiança em si mesma e adquiriram maiores responsabilidades frente aos desafios do trabalho. “A grande alegria no trabalho como cisterneira é perceber a felicidade e a satisfação das famílias ao receberem uma cisterna”, diz Cleide de Jesus Santos, Teofilândia. Nilmara de Candéal acrescenta: “Ver famílias carentes serem beneficiadas com os milagres do sertão. Água boa e um reservatório”.



### Raio X da Experiência

- A ideia de trabalhar com mulheres cisterneiras surgiu em 2006.
- Em dois anos, 44 mulheres foram capacitadas nas técnicas de construção de cisternas.
- Número de mulheres capacitadas em 2007: 7 no município de Santa Luz e 3 em Araci. Além disso, Uma mulher foi capacitada em técnicas de construção da cisterna calçadão e barragem subterrânea.
- Municípios que possuem mulheres cisterneiras: Candéal, Retirolândia, Teofilândia, Santa Bárbara, Santa Luz e Serrinha.
- Número de cisternas construídas: aproximadamente 65.